



“Fica aqui o meu relato, em especial a grande admiração e o respeito pelo Senado que me amparou e me ampara até hoje...”

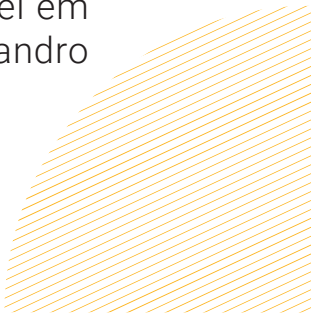


ADMIRAÇÃO E RESPEITO PELO SENADO

LOURIVAL FRANCISCO LOPES

É uma alegria discorrer sobre o tempo em que estive no Senado Federal na condição de servidor. Alegria porque foi um tempo de conhecimento, de emoções, de afazeres múltiplos.

Começo relembrando os primórdios, o tempo de 1964, quando fui estimulado por pessoa da família que trabalhava no Senado, vinda do Rio de Janeiro, que me dizia: “vai para o Senado, entra para o Senado, faça concurso, faça concurso”. Era um estímulo e um apelo. De fato, em 1964, houve o concurso para auxiliar legislativo e acabei aprovado. Foram 113 vagas, se não me engano, e eu passei em 46º, tomei posse perante o diretor-geral na época, Doutor Evandro Mendes Viana, e comecei a trabalhar na Diretoria do Arquivo.



O Senado, como era diferente! Menos edificações, máquinas de escrever, nem sempre elétricas, telefones de discar – para fazer ligações pedia às telefonistas. Menos senadores e servidores.

De um andar alto do prédio anexo, eu via o Palácio do Planalto. Dentro dele estava o presidente, Castelo Branco. Era o poder militar. O Senado funcionava um tanto devagar, vamos dizer assim, porque não podia, por via das circunstâncias, expressar-se com inteireza. Um tempo depois, já em 1966, fui chamado para o gabinete do senador José Ermírio de Moraes. Um homem riquíssimo, mas simples, portador de uma grande capacidade de trabalho, dando enfoque para a melhoria da economia brasileira. Fui, e, por conhecer a taquigrafia, ele falava e eu taquigrafava. Como era, basicamente, um empresário, ele tentava expressar as ideias, e eu, na medida das minhas possibilidades, visto estar na faixa dos 30 anos, as passava para o papel. Como pequeno exemplo lembro-me de que, certa vez, ele se dispôs a fazer um discurso sobre o trabalho: o valor do trabalho, a necessidade de haver no Brasil uma mentalidade voltada para o trabalho. Começou o discurso e disse: “o trabalho é...” e não conseguia uma definição. Apesar do meu conhecimento restrito, atrevi-me a dizer-lhe: “senador, coloca aí que ‘o trabalho é a plataforma onde se situam as atividades vitais’”. Ele exultou e aceitou.

Em 1968, o discurso de um deputado federal acirrou as arremetidas contra o Congresso, de tal maneira que, em 13 de dezembro, eu já havia retirado as coisas da minha gaveta porque sentia que chegaria uma medida forte, o que, de fato, aconteceu. O Ato Institucional nº 5 fechou o Congresso até outubro de 1969, quando faleceu o presidente Costa e Silva.

Nesse ritmo, o tempo passava e eu fiquei como chefe de gabinete desse senador e, depois, de outros, como Marcos Freire; foram 20 anos.



Em agosto de 1976, Dr. Lourival ao lado da esposa do senador Marcos Freire, próximo ao ataúde (caixão fúnebre) de Juscelino Kubitschek.

Lembro-me de que, após ter deixado o cargo de chefe de gabinete, fui designado para, como assessor, trabalhar na Constituinte. Era 1988, presidente José Sarney. O regime militar havia se exaurido com o presidente Figueiredo e o Brasil teria que tomar novos rumos, devidamente organizado democraticamente. Logo depois, aposentei-me, antes mesmo que a Constituição entrasse em vigor, a 5 de outubro.

Agora, gostaria de citar o aspecto mais fundamental que, com maior carinho, ficou comigo: o do aprendizado. Os discursos dos senadores são condutores de ideias, a depender do nosso olhar. Essas

manifestações, carregadas, ou não, de otimismo ou desalento, de esperanças ou temores, são elementos de construção da nossa inteligência, de aprimoramento dos raciocínios. Assim é que, estimulado pelo fluxo das inteligências que se derramavam do Plenário, eu me senti também levado a considerações pessoais mais avançadas. O embate dessas ideias é um importante estímulo para edificação, não só da vida nacional como, também, da vida pessoal. E, aí, vem a aquisição. É que essa movimentação das ideias, também agia sobre as minhas, no plano pessoal. É, como espiritualista que sempre procurei ser, passei a escrever livros, de tamanho pequeno, que pudessem servir para a felicidade das pessoas. Veja-se a essência provinda dos debates servindo ao nível individual.

Quero deixar bem patente: o Senado Federal é um grande estimulador de ideias para todos, a exemplo dos escritores e dos que fazem as mídias. Tudo o que serve para a nação serve para o aperfeiçoamento das pessoas. E os servidores, que estão mais próximos, são os primeiros a usufruírem das vantagens desse grande estimulador.

Sou imensamente agradecido ao Senado: sua administração, as diretorias, os gabinetes, o Plenário, colegas, os senadores. Fica em minha mente, predominantemente, o grande mestre que foi e que continua sendo, pois mesmo com idade avançada, acompanho a TV e a Rádio Senado.

Fica aqui o meu relato, em especial a grande admiração e o respeito pelo Senado, que me amparou e me ampara até hoje.

